

ASSENTAMENTOS INDÍGENAS NO MÉDIO SÃO FRANCISCO

O caso dos tuxá e pankarú

*Ely Souza Estrela**

No imaginário da grande maioria dos brasileiros, os indígenas, quase sempre, aparecem como representantes de uma cultura congelada no tempo. São nômades, vivem em aldeias e se alimentam basicamente da pesca, da caça e da coleta. Na verdade, este imaginário traz embutido uma cobrança por parte de parcela dos “brancos” para que os indígenas mantenham intacta sua identidade cultural. Conforme salienta a professora tuxá, Aldenora Vieira, esta cobrança é descabida e, no mínimo perversa, pois cobram-se dos indígenas tudo o que, no passado, a ferro e fogo, lhes foi proibido e negado: a língua, os costumes, a religião, etc. Tal cobrança apresenta-se como mais uma das tantas facetas através das quais o preconceito contra os indígenas se manifesta, ao mesmo tempo revela total negação da história da colonização, colocando-se, inclusive, a serviço daqueles que negam os direitos indígenas.

Depois de quase cinco séculos de exploração e de violência, poucos indígenas se assemelham aos primeiros habitantes de Pindorama. As identidades da maioria dos grupos indígenas, aliás, como dos demais membros das sociedades modernas, apresentam-se “descentradas”, deslocadas ou fragmentadas (Hall, 1999: 8). De acordo com Stuart Hall, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (Hall, 1999: 13).

Especialmente no Nordeste, os indígenas pouco diferem dos sertanejos pobres -

meio acaboclad¹ -, que são encontrados no interior da região, a não ser pela constante afirmação de uma identidade cultural um tanto diferenciada que buscam preservar a todo custo.

Dentre os vários aspectos do cotidiano que marcam indistintamente indígenas e sertanejos/caboclos, relevadas as nuances diferenciais, que aqui não vem ao caso abordar, destaca-se a experiência da migração. Aliás, convém frisar que, desde a chegada dos primeiros colonizadores, o deslocamento forçado tornou-se fenômeno muito conhecido dos indígenas brasileiros. O foco deste trabalho² é acompanhar a trajetória do deslocamento de duas comunidades indígenas – os tuxá e pankarú - que habitam atualmente a região do Médio São Francisco, em períodos não muitos recuados.

OS PANKARÚ

Os pankarú³ ou pankararú que vivem na Aldeia Vargem Alegre, Agrovila 19, localizada no município de Serra do Ramalho (Bahia), têm uma trajetória de deslocamento muito interessante. São originários da região de Brejo dos Padres, em Pernambuco (Ribeiro, 1986: 57). À semelhança de vários outros povos indígenas, sofreram a espoliação de suas terras e a agressão aos seus costumes.

Deslocamento dos Pankararú

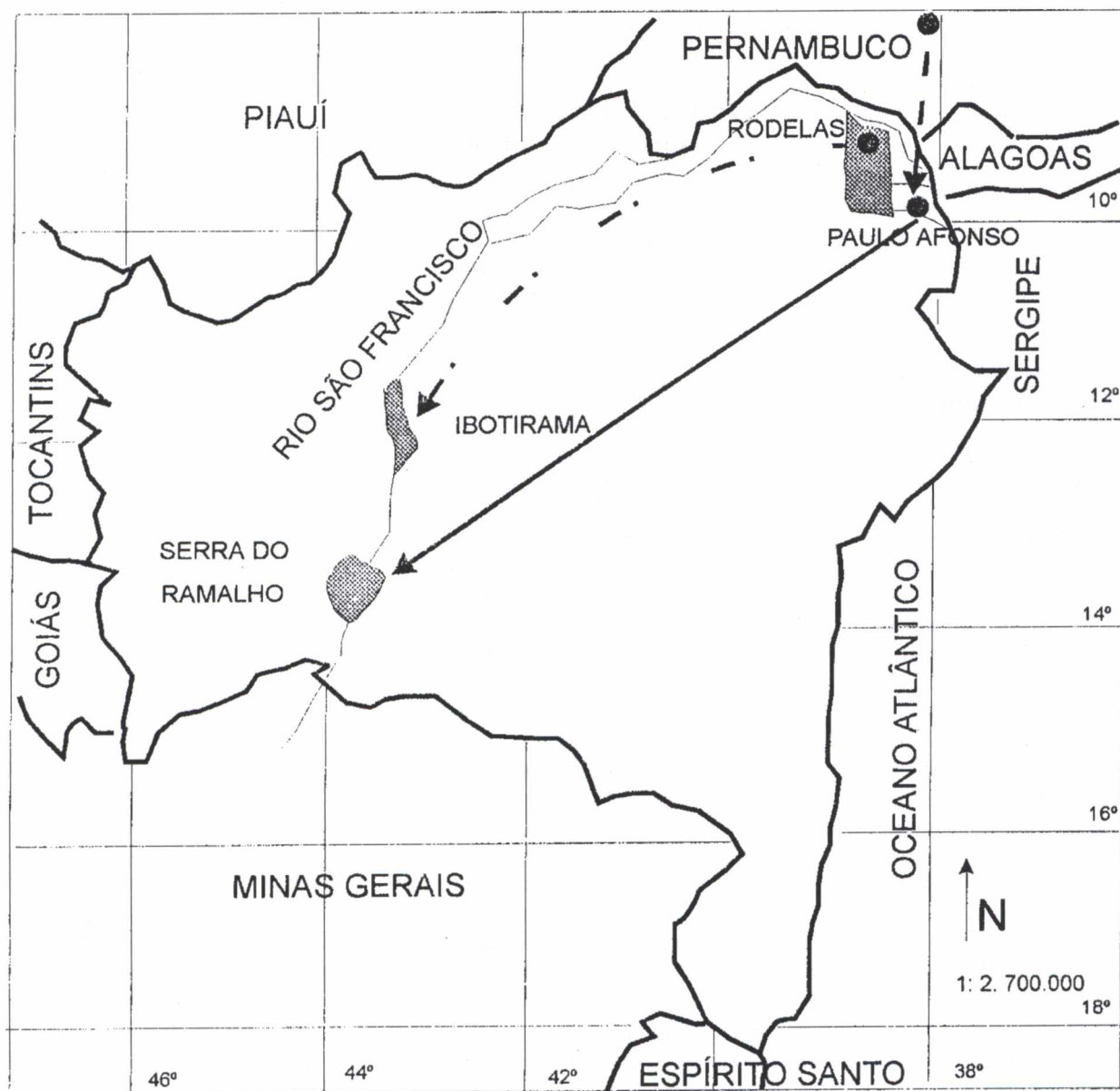
Cansados de violência, por volta de 1920, um pequeno grupo pankararú originário do agreste de Pernambuco desgarrou-se da aldeia. Depois de perambular pelas redondezas de Paulo Afonso (Bahia)⁴ e Surubim (Pernambuco), resolveu subir o São Francisco, partindo, na






década de 50, à procura de uma comunidade indígena morumbé ou corumbé⁵ que sabia viver nas proximidades da Serra do Ramalho, município de Bom Jesus da Lapa, Bahia, do qual não consegui obter maiores informações.

Ponto de confluência de três estados de grande dimensão territorial (Bahia, Goiás e Minas Gerais) e área escassamente povoada, o Vale do Alto-Médio São Francisco era visto pelas populações sertanejas de décadas passadas como uma espécie de oásis, ao qual recorria grande parte dos flagelados das constantes secas que acometem o Nordeste, sendo considerado como menos árido, recoberto por matas frondosas e ricas em espécies animais. Em suma, o Vale do Alto-Médio São Francisco era visto como uma região ainda pouco explorada, apresentando ao sertanejo melhores condições de enfrentar a rusticidade das secas que outros pontos do Vale do Rio São Francisco não mais ofereciam. Além do mais, a região era porta de entrada/saída para o interior de vários estados nordestinos, bem como para o Centro-Sul do país. As matas virgens, localizadas no Vale do Alto-Médio São Francisco, eram velhas conhecidas dos indígenas de outros pontos do Velho Chico. Em períodos anteriores, essas matas sofriam incursões constantes de madeireiros que exploravam o trabalho dos indígenas sanfranciscanos. Manoel Novais da Silva, cacique dos tuxá da aldeia de Morrinhos, em Ibotirama (Bahia), diz lembrar que inúmeros membros da comunidade indígena tuxá de Rodelas eram empregados na exploração da madeira-de-lei (como remeiros, mateiros e cortadores de madeira), permanecendo acampados às margens do Alto-Médio São Francisco dias e, às

MIGRAÇÃO DOS GRUPOS INDÍGENAS PANKARARÚ E TUXÁ

BAHIA - 1920 / 1950 e 1980



-  Migração de parte do grupo Tuxá na década de 1980
-  Migração do grupo Pankararú na década de 1920
-  Migração do grupo Pankararú na década de 1950
-  Atual localização dos grupos
-  Ponto de deslocamento dos grupos

Fonte: SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.
 Dados fornecidos por Ely S. Estrela, segundo pesquisa realizada.
 Organização e desenho: Sinthia Cristina Batista

vezes, meses seguidos. Não tenho informações precisas sobre a exploração do trabalho dos pankarú por parte dos madeireiros, mas tudo indica que a exploração era amplamente disseminada. Assim, conheceram a região e, possivelmente, travaram relações com as comunidades que a habitavam. Daí, a esperança dos pankarú em reencontrar a comunidade indígena dos morumbé ou morumbepe com os quais acreditavam ter parentesco. Contudo, quando chegaram à região, os indígenas procurados já não mais se encontravam no local. Havia sido expulsos por grileiros, ganhando as picadas e se estabelecendo, segundo depoimento de Alfredo José da Silva Pankarú, em território goiano.

Os pankarú chegam à Serra do Ramalho

A chegada dos pankarú à Serra do Ramalho coincidiu com a exploração de minérios na região. Na memória do cacique pankarú da Aldeia Vargem Alegre, foi seu pai quem descobriu minério na Serra Solta, por volta dos anos 50, recebendo em recompensa do prefeito municipal de Bom Jesus da Lapa, Antônio Cordeiro, área na qual se estabeleceria, ficando a salvo da violência dos brancos. Mas os ataques dos grileiros e fazendeiros não cessaram, e parte da pequena comunidade indígena, impotente diante de todas as formas de agressão, tal qual seus antepassados, fugiu em direção ao estado de Goiás.

Nas proximidades de Brasília, entraram em contato com outro pequeno grupo indígena que lhes falou da existência da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). O contato com a FUNAI, segundo Alfredo José da Silva Pankarú, mudou a perspectiva de vida do seu povo. Informados de seus direitos em relação às terras de seus ancestrais, retornaram à região de Serra do Ramalho, travando nova luta com os grileiros que promoveram anteriormente sua expulsão.

Em meados da década de 70, os conflitos envolvendo indígenas e grileiros se ampliaram, provocando a intervenção violenta da Polícia Militar da Bahia contra as lideranças indígenas (Relatos dos pankarú ontem e hoje, s/d: 2).

Nesse entremeio, a região de Serra do Ramalho fora escolhida pelo Instituto Na-

cional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para abrigar o Projeto Especial de Colonização (PEC), cuja finalidade precípua era o assentamento dos desabrigados da Barragem de Sobradinho⁶, tornando suas terras ainda mais cobiçadas pelos grileiros ávidos em embolsar os valores das desapropriações.

A criação das agrovilas e a fixação dos pankarú

Assim, um sem número de fazendas foram desapropriadas para dar lugar às agrovilas. De lá para cá, foram criadas vinte e três agrovilas, ocupando área de pouco mais ou menos 256 mil hectares localizada nos municípios de Serra do Ramalho e Carinhanha.

As agrovilas foram criadas para abrigar quatro mil famílias, obedecendo a um plano de engenharia rural bastante interessante, que convém ser explicitado. A enorme área foi dividida de acordo com o módulo fiscal regional. Assim, cada família recebeu um lote de 20 hectares (os contemplados com terrenos irregulares receberam um pouco mais) e uma casa na agrovila situada mais próxima de seu lote. Foi criada também uma reserva, cabendo a cada colono cinco hectares da mesma. Às margens do Rio São Francisco, foi reservada uma faixa de 70 km para o cultivo irrigado, a ser trabalhado por alguns colonos em parcelas individuais.

No plano de construção, cada agrovila funcionaria como um bairro rural que, além de concentrar os proprietários dos lotes, abrigaria o comércio, os serviços públicos e religiosos. Dentre as agrovilas somente a 9 concentrou todos esses serviços. Mais tarde, esta agrovila se tornaria sede do município de Serra do Ramalho, desmembrado do de Bom Jesus da Lapa.

Firme no propósito de ceder apenas vinte hectares a cada família assentada, o INCRA sugeriu à FUNAI “a remoção dos índios ou a sua emancipação para que tenham direito ao assentamento de acordo com o disposto no Estatuto da Terra” (Relatos dos pankarú ontem e hoje, s/d: 1). Os índios resistiram e depois de idas e vindas, os direitos dos pankarú foram reconhecidos. Porém não receberam a área reivindicada. Coube-lhes apenas uma área de mil hectares, demarcada formalmente

em fins da década de 80. É dela que tiram a duras penas a sobrevivência. Além das terras, foi-lhes prometido projeto de irrigação pelo qual os indígenas lutam até hoje.

A pequena comunidade pankarú localizada na Agrovila 19 – a mais pobre dentre todas as demais de um projeto que se acredita fracassado –, compõe-se de aproximadamente doze famílias, totalizando sessenta e seis pessoas. Devido à incidência do barbeiro na área da aldeia, à semelhança dos demais colonos, os indígenas vivem na sede da agrovila. Como todos os indígenas do Nordeste, à exceção dos fulniô, não falam a língua de seus antepassados⁷, porém mantêm alguns dos costumes indígenas, a exemplo do *toré*, ritual que, de acordo com as palavras do cacique Alfredo Pankarú, “serve para dar força, para dar explicação às coisas da vida”.

OS TUXÁ

Os tuxá ou rodela viviam na região do curso Médio São Francisco. Quando os colonizadores adentraram o Vale do Velho Chico, implantando ali suas fazendas de gado, consta que encontraram tenaz resistência dos tuxá⁸. Para aplacar o espírito de luta dos aguerridos indígenas foram solicitados os préstimos das missões religiosas. Várias missões se sucederam no território dos tuxá, mas tudo indica que nada fez diminuir a resistência dos indígenas ao esbulho de suas terras. Prova disso é que pesquisas recentemente publicadas dão conta da presença desses indígenas, ao lado dos kiriris de Mirandela e os kaimbés de Massacará, na Guerra de Canudos (Reesink, 1997: 74).

Derrotados, os tuxá perderam grande parcela de suas terras. Talvez o penúltimo capítulo do processo de esbulho das terras pertencentes aos tuxá tenha ocorrido por volta de 1910, quando perderam a ilha de Assunção para um “coronel” local⁹. A perda do território desnordeou os bravos indígenas.

“À medida que eram escoraçados de suas terras, os índios se juntavam aos bandos que perambulavam pelas fazendas, à procura de um lugar onde se pudessem fixar. No começo do século, vários desses magotes de índios desajustados eram vistos nas margens do São Francisco. Alimen-



Alfredo José da Silva, cacique pankarú
Agrovila 19 - Serra do Ramalho

Foto: Ely S. Estrela

tavam-se de peixes ou do produto de minúsculas roças plantadas nas ilhas inundáveis – únicas cuja posse não lhes era disputada – e trabalhavam como remeiros e como peões das fazendas vizinhas” (Ribeiro, 1986: 56).

Desde então, os tuxá ficaram confinados entre Rodelas (estado da Bahia) e a Ilha da Viúva área de mais ou menos 70 hectares, localizada próxima à margem esquerda do Rio São Francisco (estado de Pernambuco). É ali que, em princípios da década de 70, os encontramos. Na Ilha da Viúva trabalhavam por volta de 180 famílias. Tal qual os pankarú, os tuxá perderam a língua de seus ancestrais, mas mantêm alguns de seus costumes e se orgulham da prática do *encantado*, do *particular*

do *toré* (Cabral e Nasser, 1988: 133). Convém salientar que os tuxá se orgulham de ter ensinado aos kiriri de Mirandela, Ribeira do Pomal (Bahia), a prática do último ritual.

A construção da barragem de Itaparica

A construção da Barragem de Itaparica pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), nos anos 80, desabrigou aproximadamente 6 mil famílias, em 7 municípios nos estados de Pernambuco e Bahia, destacando-se o de Rodelas, onde, conforme foi salientado, viviam as famílias tuxá. A submersão da Ilha da Viúva, devido a barragem, colocou uma vez mais para a comunidade indígena a perda de seu território e a premência de novo deslocamento.

A divisão dos tuxá

Desde então os tuxá se viram diante de duas alternativas: permanecer em Nova Rodelas, onde a perspectiva de assentamento, de acordo com algumas avaliações, era

desfavorável, ou se deslocarem para outra região. Surgiram, então, as divergências. Os interesses políticos falaram mais alto e a comunidade se dividiu praticamente meio a meio.

Cerca de 85 famílias optaram por se estabelecer em Nova Rodelas, confiantes nas promessas de reassentamento da CHESF. A nova aldeia fica situada no perímetro urbano, numa área exígua (aproximadamente 40 hectares) e de solo bastante desgastado. Passados 13 anos da construção da barragem, os tuxá de Nova Rodelas ainda aguardam o cumprimento pela CHESF de suas promessas. Recentemente, o Ministério Público reconheceu as demandas dos tuxá e estabeleceu um prazo para o cumprimento das promessas (A

Tarde, 25/07/99).

As demais famílias, lideradas por Manuel Novais da Silva – que, desde o momento do rompimento da unidade, assumiu a condição de cacique do grupo dissidente –, optaram pela mudança de Nova Rodelas.

Inicialmente, os tuxá dissidentes pensavam em se deslocar para a área do projeto Massanganga, em Petrolina (Pernambuco), mas, segundo consta, tiveram sua pretensão rechaçada pela poderosa família Coelho.

Depois de muitas idas e vindas, os tuxá dissidentes foram transferidos para a Fazenda Morrinhos, município de Ibotirama, distante mais de 1.000 km da aldeia de Rodelas. Área de aproximadamente 2.100 hectares, a antiga Fazenda Morrinhos abriga atualmente por volta de 170 famílias indígenas, totalizando cerca de 700 pessoas. A sede da aldeia dista aproximadamente 15 km de Ibotirama e conta com pequeno comércio, escola, Posto da FUNAI e posto telefônico. Conta também com Igrejas Evangélicas, com um templo da Igreja Católica e um espaço edificado em forma de oca – a *Igreja Encantada* – onde os indígenas podem praticar seus rituais (sincréticos), sob a regência de um jovem pajé.

Além de terras, a CHESF prometia aos indígenas desabrigados projeto de irrigação e de custeio. Pressionada, a estatal acordou que, enquanto não se desse o reassentamento das duas aldeias e a total implantação dos projetos, pagaria às famílias indígenas cadastradas a Verba de Manutenção Temporária (VMT), no valor de quase dois salários mínimos. A verba continua sendo paga, mas, para desespero dos indígenas, os projetos continuam engavetados. Prestes a ser privatizada, a CHESF tem sido pressionada a resolver definitivamente a pendência com os tuxá. Contudo, a proposta de indenização da estatal é veementemente rechaçada pelas suas lideranças mais antigas. Os tuxá de Nova Rodelas reivindicam as suas terras e os da Fazenda Morrinhos, de acordo com seu cacique, já não desejam a irrigação, mas um projeto voltado para o desenvolvimento da pecuária. Também a VMT se constitui em ponto de tensão entre as aldeias tuxá e a CHESF. Ambas as comuni-

dades indígenas reivindicam a extensão do benefício aos seus filhos que constituíram família, carecendo de meios para a sobrevivência.

Enquanto a CHESF não cumpre suas promessas, o cotidiano dos indígenas da Aldeia Tuxá de Morrinhos está marcado pela luta, pelo desejo de refazer aspectos da comunidade dividida, bem como pela saudade, retratada tão bem num dos cânticos que acompanha a dança do *toré*. Vejamos:

“Eu não sou daqui
E nem sou de Mirandela
Nós viemos desabrigados
Da barragem de Rodelas
Peregrinos, vou-lhes pedir
Com dor no coração
Pelo amor de São Francisco
Tenha de nós compaixão

A barragem de Itaparica
nos fez esta ingratidão
Tirando nós da nossa terra
nos deixou na solidão.

Com os olhos cheios de lágrimas
Já cansados de chorar
Sem saber como é que passo
Sem nossa aldeia tuxá

A nossa Ilha da Viúva
O grande lago inundou
Era nosso patrimônio
Herança dos meus avós

Quando eu olho o Rio S. Francisco
me dá vontade de chorar
Porque as águas que aqui passam
em Rodelas vão passar

Esta nossa longa história
No futuro eu vou contar
Vou sentir tanta saudade
de tristeza vou chorar

Já não posso mais cantar
Pois sinto grande emoção
A saudade dos parentes
E das festas de São João

Somos índios de Rodelas
Recentes nesta cidade
Desejamos ter amigos
Fazer novas amizades

Já cantamos nossa tribo
inda tornemos cantar
Viva São João Batista
padroeiro dos tuxá

(Cappio, 1995: 52)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os deslocamentos entre os tuxá e os pankarú não estancaram com a demarcação da Aldeia Vista Alegre, nem com o assentamento na Aldeia da Fazenda Morrinhos. Segundo afirmam alguns depoentes, há decréscimo populacional em ambas as comunidades indígenas. Qual a razão? Impossibilitados de retirarem nas aldeias a sobrevivência, os mais jovens se deslocam para às cidades vizinhas ou partem em direção ao Centro-Sul. “Livremente”, revivem a experiência da migração imposta a ferro e fogo aos seus ancestrais. Alguns deles retornam e, qual nômades, partem novamente. Para finalizar, não custa reafirmar que a despeito das diferenças e, muitas vezes, do estranhamento mútuo, índios/caboclos e sertanejos/caboclos partilham a experiência da migração e ambas as categorias estão submetidas à lei do “vai-e-vem da sobrevivência”.

**Ely Souza Estrela é Prof. de História da América da Universidade do Estado da Bahia/UNEB – Campus de Caetitê. Mestre em Geografia Humana-USP e Doutoranda em História Social-PUC/SP.*

NOTAS

- Os tuxá se autodenominam caboclos. Do que pude depreender do discurso de alguns membros da aldeia tuxá, caboclo é o índio que, embora aculturado, se reconhece e é reconhecido como “diferente dos brancos”.
- As entrevistas contaram com a participação dos monitores: Florivaldo Pinto Nunes, Marili Xavier Pinto e Nilvande Nogueira dos Santos. Coube-lhes também as transcrições de algumas fitas.
- A comunidade pankarú da Agrovila 19 mudou seu nome deliberadamente para diferenciar-se dos pankararús que ainda vivem no Estado de Pernambuco. Segundo o cacique Alfredo José da Silva Pankarú, a mudança se fez necessária porque os órgãos governamentais confundiam as duas comunidades. Desse modo, as melhorias solicitadas pela comunidade da Agrovila 19 eram, muitas vezes, encaminhadas para os pankararú de Pernambuco, reconhecidos secularmente pelas autoridades constituídas.
- Tudo indica que a represa de Paulo Afonso foi a grande responsável pelo deslocamento de grande contingentes dos pankararú que viviam às margens do São Francisco. Desse contingente, grande parcela partiu para São Paulo, vivendo atualmente na Favela Real Parque, na Zona Sul da Capital (*Revista Isto É*, 19/04/2000: 52 / 54).
- Entrevista concedida pelo cacique Alfredo José da Silva Pankarú, na Agrovila 19, em 02/10/1999.
- A barragem de Sobradinho foi inaugurada em fins da década de 70, desabrigando aproximadamente 70 mil pessoas e fazendo submergir cidades sanfranciscanas tradicionais como: Casa Nova, Sento Sé, Remanso e Pilão Arcado.

7. De acordo com o cacique tuxá, Manoel Novais da Silva, tal fato provoca a rejeição e o estranhamento por parte de indígenas mais “primitivos”.

8. “Os caiapó, entretanto, da margem esquerda, bem como os Rodelas resistiram bravamente e não se renderam, preferindo fugir ou suicidar a se entregarem à escravidão dos brancos portugueses. Eles se embrenharam pela matas adentro e para o alto da Serra do Ramalho e da Serra do Parrela, no município de Montalvânia. Retiraram-se, posteriormente, para a Amazônia. A ocupação do Vale do São Francisco, segundo Pedro Calmon, aconteceu seguida de um massacre indiscriminado da raça indígena. Foi um verdadeiro genocídio” (Souza e Almeida, s/d: 31).

9. “Consistiu em obter dos índios licença para construção de uma capela consagrada a Nossa Senhora de Assunção. Essa congregação, registrada posteriormente em cartório, como doação, serviria de base para a expedição de títulos de propriedade em que o vendedor era a Santa Padroeira, representada pelo bispo de Pesqueira, na Bahia, e o comprador, um potentado local. Este fez sentir aos índios a força de seu título possessório, obrigando-os a se colocarem a seu serviço, pagar foros pela ocupação das terras, ou abandonarem as ilhas como intrusos” (Ribeiro, 1986: 55/56).

BIBLIOGRAFIA

- CABRAL, Elisabeth, NASSER, Nassaro (1988) “Notas sobre as crenças e práticas religiosas dos Tuxá”. In: *Revista cultural do estado da Bahia*. 1ª ed., Salvador, Fundação Cultural da Bahia (Número especial - O índio na Bahia).
- CAPPIO FREI, Luiz Flávio. (1995) *Rio São Francisco. Uma caminhada entre vida e morte*. Petrópolis, Vozes.
- HALL, Stuart (1999) *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª ed., Rio de Janeiro, DP&A Editora.
- MELATTI, Júlio César. (1993) *Índios do Brasil*. 7ª ed., Brasília, UnB.
- OTT, Carlos. (1958) *Pré-história da Bahia*. Salvador, Publicação da Universidade da Bahia.
- PEREIRA, Cláudio Luiz. (1988) “O caso Tuxá: política e cultura em uma minoria étnica”. In: *Revista cultural do estado da Bahia*. 1ª ed., Salvador, Fundação Cultural da Bahia (Número especial - O índio na Bahia).
- REESINK, Edwin. (1997) “A tomada do coração da aldeia: a participação dos índios de Massacará na Guerra de Canudos”. *Cadernos do CEAS*. Salvador (Edição especial sobre Canudos).
- REVISTA ISTO É (2000) São Paulo, nº 1594, 20/04.
- RIBEIRO, Darci. (1986) *Os índios e a civilização*. 5ª ed., Petrópolis, Vozes.
- RELATOS DOS PANKARÚ, ONTEM E HOJE (s/d), (mimeo).
- SOUZA, José Evangelista, ALMEIDA, José Carlos D. de (s/d) *Comunidade rurais negras. Rio das Rãs – Bahia*. Brasília, Arte e Movimento (mimeo).
- SILVA - SAMPAIO, Orlando. (1994) *Tuxá: índios do Nordeste*. São Paulo, Anablume.